

1

“DEIXEM DISSO, AMIGOS BONS DA GRANDE AMAZÔNIA”: FUTEBOL É ARTE TANTO EM BELÉM COMO EM MANAUS. (1967-1975).

Sandra Letícia Magalhães Gaudêncio¹

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar a rivalidade futebolística na Amazônia, mais especificamente nas capitais Belém – Manaus durante o contexto da ditadura civil-militar. Isto é, se pretende entender através de partidas futebolísticas e dos noticiários jornalísticos a partir da cidade de Belém as experiências quotidianas dos sujeitos sociais que participavam direta ou indiretamente dos jogos de futebol nas urbes citadas, sendo possível perceber concepções culturais, os discursos sobre as partidas de futebol e os encontros e desencontros entre diversos sujeitos amazônicos que nos ajudam a estudar uma rivalidade futebolística que muitas vezes ultrapassa as fronteiras do esporte e do lazer em dois centros urbanos em plena região amazônica.

PALAVRAS -CHAVES: Futebol; Amazônia; Rivalidade

ABSTRACT

LET THIS, GOOD FRIENDS OF GREAT AMAZON: FOOTBALL AND ART (1967-1975).

This study aims to analyze the footballing rivalry in the Amazon, specifically in the capital Belem - Manaus in the context of civil-military dictatorship. That is, if you want to understand through football matches and news journalistic experiences of everyday social subjects who participated directly or indirectly to football matches in large cities cited, we can see cultural conceptions, discourses on football matches and meetings and Amazon disagreements between various subjects that help us study a footballing rivalry that often goes

2

beyond the boundaries of sport and leisure in two urban centers in the middle of the Amazon region.

KEY –WORDS: Football; Amazon; Rivalry

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a analisar o futebol da Amazônia e sua rivalidade através das cidades de Belém – Manaus durante o contexto da ditadura civil-militar, a partir da experiência cotidiana dos diversos sujeitos sociais que participavam direta ou indiretamente dos jogos de futebol nas duas capitais amazônicas, sendo possível perceber os encontros e desencontros, identidades culturais, rivalidade entre esses variados sujeitos que muitas vezes ultrapassavam as quatro linhas do campo de futebol no espaço amazônico a partir principalmente do “olhar da capital paraense”.

Ao se viajar no tempo e no espaço, revisitando uma Belém e Manaus de outrora é possível entender a declaração do historiador Bloch quando este afirma que “pelo ir e vir do historiador do presente ao passado [...] já que, por um lado, o passado explica o presente, pois o presente não é uma mudança radical, uma ruptura rápida e total.”(2000, p.5), ou seja, para compreendermos essa rivalidade entre o futebol paraense e o amazonense partimos de problemas do tempo presente, do próprio período estudado(1967-1975), e em constante diálogo com as experiências de sujeitos históricos no passado um pouco mais distante, a exemplo da disputa pela hegemonia amazônica a partir de 1850, quando a província do Amazonas deixa de ser uma capitania que estava ligada a Província do Pará.

Dessa forma, constrói-se um discurso de rivalidade, identidade e até em certa medida conflito territorial entre as duas Províncias na Amazônia durante o período imperial brasileiro, estabelecendo culturalmente uma histórica rivalidade entre amazonenses e paraenses, intensificada durante a economia gomífera.(WEINSTEN, 1993, p. 219.) e que provavelmente influencia no cotidiano das capitais supracitadas durante os anos de 1967 a 1975 sendo possível perceber tal rivalidade nos jogos futebolísticos que serve de base para o entendimento dessas relações cotidianas entre os diversos sujeitos sociais de Belém e de

3

Manaus, onde cada local tentava fortalecer uma identidade que definiria um papel de “hegemonia de uma cultura amazônica”.

Em 1967, quando foi criada a Zona Franca de Manaus, esse confronto cresceu ainda mais, sendo importante ressaltar que trouxe um descontentamento político e econômico aos paraenses, influenciando no desenvolvimento econômico de Manaus baseado num tratamento tributário e alfandegário especial à base de renúncia fiscal.(Jornal Pessoal: 15/06/2005, p. 9.). Belém por sua vez, entrava em decadência e perdia o título de ‘metrópole da Amazônia’ para “sua filha, irmã e rival.” (FIGUEIREDO; NUNES, 2006, p. 6).

Analisando essa rivalidade através de uma explicação histórica temos a forma de ocupação da região amazônica e as disputas pela sua riqueza natural e territorial como fatores importantes para entendimento dessa rivalidade, possibilitando um “olhar” sobre o futebol praticado em Belém e Manaus que passa a ser visto como objeto de estudo que dá oportunidade de examinar contendas entre amazonenses e paraenses que ocorriam nas partidas entre clubes das duas cidades ou das seleções dos estados que disputavam o campeonato brasileiro, que corroboravam com toda uma rede de rivalidade que envolvia questões de disputas por uma construção de identidade regional, por exemplo. Assim sendo, o futebol² é analisado como um alvo de competições regionais, onde “moradores da mesma casa se estranham.”(A província do Pará: 10/02/1969, p. 8.)

O contexto estudado (1967-1975) foi um momento em que a Ditadura Civil-Militar se fazia presente na região através da criação de projetos na Amazônia. Também se trata do período em que o campeonato brasileiro de futebol³ foi instituído no Brasil influenciando os demais campeonatos interestaduais, como o Norte-Nordeste, conhecido como ‘Nordestão’. O que possibilita ao historiador pensar sobre as questões políticas e econômicas ligadas ao Plano de Segurança Nacional, o discurso de democracia e a repressão as ideologias de esquerda por parte dos líderes políticos como fatores que influenciavam no cotidiano dos sujeitos sociais amazônicos que viviam nas duas capitais em disputa pela hegemonia regional e que iam aos jogos de futebol torcer pelos seus clubes ou selecionado local, propagando assim uma ideia de rivalidade em pleno contexto do discurso do Brasil “ame-o ou deixe-o”.

O estudo se propõe a mostrar inicialmente como ocorre o processo de desenvolvimento do futebol praticado pelos principais clubes nas duas cidades através da instituição do campeonato brasileiro, das disputas dos campeonatos regionais nesse período pautados no discurso de defesa da democracia e de controle político militar que nos possibilitam demonstrar que existia um sentimento⁴ de rivalidade entre as duas capitais da Amazônia que ia muito além da construção cultural em torno das partidas.

Partindo desse ponto de vista de rivalidade esportivo-futebolístico é possível entender esse sentimento que ultrapassava os limites dos seus clubes e envolvia o cotidiano das duas cidades amazônicas com influências do seu modelo de desenvolvimento econômico e das relações dos diversos setores sociais com suas práticas diferenciadas. Dessa forma, o estudo do futebol regional nesse contexto histórico passa a ser relevante pelo que representa a ideia de rivalidade que extrapola uma “simples derrota” de um clube de futebol e nos permite analisar o papel da imprensa nesses conflitos, alguns clubes amazônicos, em Belém (Clube do Remo, Paysandu Sport Club e Tuna Luso Brasileira) e em Manaus (Nacional, Rio Negro, São Raimundo, Olímpico e Nacional Fast Clube)⁵ e seus diversos sujeitos sociais que contribuíram para a história do futebol, como políticos, cronistas, jogadores, torcedores. Nesse sentido, o futebol amazônico passa a ter inúmeros significados, com seus rituais, simbolismo e identidades amazônicas ligadas à história, literatura e memória.

Portanto, o presente estudo pressupõe uma análise da dimensão micro e macro da realidade histórica do futebol na Amazônia com base em fontes que possibilitam buscar nessas práticas sociais dos diversos sujeitos uma maior contribuição para o entendimento da realidade amazônica no período contemporâneo e seu diálogo com a historiografia.

Futebol na Amazônia: uma visão a partir de Belém do Pará.

Para entendermos o processo de desenvolvimento do futebol no período da ditadura civil-militar na região amazônica, é necessário fazermos uma análise da relação da história dessas capitais e suas práticas sociais interligadas a uma construção de identidade

5

cultural aliada as transformações políticas territoriais que ocorreram no século XIX que possibilitaram disputas pela hegemonia do controle político e econômico da região.

Nesse cenário futebolístico constrói-se uma rivalidade esportiva que tem uma fonte de origem que não se esgota nas partidas disputadas no campeonato brasileiro, por exemplo, mas, se relaciona também a um sentimento de disputa entre sujeitos sociais da Amazônia que se originam antes da Belle Epoque.

Partindo de uma análise do ponto de vista das fontes paraenses esse sentimento de disputa pode ter surgido a partir da separação de uma parte da província do Pará, restituindo a comarca do Alto Amazonas em província no ano de 1850, delimitado por “lei nº 582 de 5 de setembro de 1850”(BELÉM, 1912, p. 116-117.). Estes limites impostos a nova província era tanto territorial quanto político “causando discussões entre políticos da província paraense e da amazonense em relação a essa separação, pois autoridades preocupavam-se com as divisões territoriais e domínios políticos e econômicos”.⁶

Belém e Manaus permitiram essa rivalidade que chegava a “cegar” as pessoas na corrida para decidirem quem é a ‘metrópole da Amazônia’, termo utilizado bastante na ‘Belle Époque’⁷ discussão que atingiu também o campo futebolístico. Em Belém, por exemplo, para Gaudêncio (2007) as rivalidades clubísticas levaram a construção de um sentimento de maior rivalidade em torno do Clube do Remo e do Paysandú que agitavam os campeonatos oficiais lotando os seus estádios, aumentando sua popularidade nos subúrbios e nos noticiários esportivos construindo uma identidade cultural coletiva em torno do clássico “Re x Pa” que segundo os discursos dos cronistas esportivos caracterizava o esporte e os sujeito social paraense, fator que talvez tenha influenciado no aumento das rivalidades futebolísticas entre as duas capitais amazônicas em questão ao longo dos anos.

No período estudado (1967-1975), o cenário brasileiro foi marcado pela Ditadura Militar (FAUSTO, 2001, p. 257.), hoje chamada de ditadura civil militar pela aceitação de diversos setores sociais ao novo momento político e principalmente a participação de grupos políticos ao lado dos militares (REIS, 2000, p 11-12). Isto é, muitos haviam acumulado riquezas, privilégios, favores no interior do nacional estatismo, todos sentiam obscuramente que um processo radical de redistribuição de riqueza na sociedade brasileira, iria atingir suas posições e nutriam um grande medo da desordem que poderia ser iniciada pelo “comunismo ateu”, nutrindo a política do medo do fantasma comunismo, assim como aconteceu em Cuba,

6

por exemplo. E em março de 1964 os militares apoiados por setores sociais temerosos do avanço das esquerdas tomam o poder e centenas de milhares de pessoas comemoram nas ruas do Rio de Janeiro o golpe militar e a derrota de João Goulart. (Idem, p. 27-33)

Na Amazônia destaca-se a política intervencionista dos militares.⁸ Em 1967 surgiu a Zona Franca de Manaus com uma estratégia de desenvolvimento regional.⁹ De acordo com Lúcio Flávio Pinto “esse projeto resultou num instrumento alfandegário especial, à base de renúncia fiscal e considerando a capital amazonense como se fora território estrangeiro”. (Jornal Pessoal: 15/06/2005, p. 9.). Essas políticas intervencionistas dos militares que assumiram o poder político no Brasil tinham um objetivo para região amazônica que estava explicitamente ligado ao plano denominado operação Amazônia (1966-1967) elaborando-se o I plano quinquenal de desenvolvimento da Amazônia (1967-1971) que nortearia as ações da SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia) nesse período. Os militares não vislumbravam meramente os aspectos sócio-econômicos da região era preciso garantir a posse do território contra a cobiça internacional, facilitando a ocupação do “espaço vazio”. Nesse sentido, Manaus ganha importância no processo de “integração” da Amazônia iniciada pelos militares e o seu discurso nacionalista, sendo o local que o presidente Médice em seu discurso proferido na capital do Amazonas, em outubro de 1970 enfatiza que a primeira fase de sua política para Amazônia iria começar por essa cidade. (Petit, 2003, p. 75-85).

Nesse contexto, o futebol é usado pelos militares como instrumento que manipularia e alienaria as massas, já que para alguns o futebol era visto como “ópio do povo brasileiro”, sendo assim utilizado pelo governo como forma de “distração”, para desviar a atenção da “população” da real situação que se passava no país. Pois segundo Sinei Monteiro:

A conquista da Copa de 70 apresenta-se enquanto elemento estratégico das políticas militares que se utilizaram desse acontecimento para difundir, por meio de uma eficiente propaganda, nacionalmente e internacionalmente a imagem de um país a caminho de um suposto progresso. (MONTEIRO, 2008,p.3)

Dessa forma, o futebol no Brasil é difundido como algo que estivesse ligado ao governo, de forma positiva, era usado como estratégia política, mas também como diversão para os representantes do Brasil.

Conforme Monteiro:

Na capital paraense, a manifestação de idolatria ao futebol nacional não era diferente, uma vez que a disputa pela conquista da Copa do Mundo em 1970 fervilhava os ânimos dos paraenses que transformavam a cidade belemense nos dias de jogos com faixas, cartazes, bandeiras, batucadas e muito barulho que se estendia até o alvorecer do dia. (MONTEIRO, 2008,p.4)

Entretanto em Manaus não deve ter sido diferente, uma vez que na Amazônia destaca-se a política intervencionista dos militares. E era ampliada a estratégia de desenvolvimento regional, onde o esporte, o futebol, também era abordado. Tanto que em 1979, a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) aumentou a participação de Clubes de futebol no campeonato brasileiro que passou a ter 94 clubes e assim ampliava o espaço político do regime, consagrando a máxima “onde a Arena vai mal mais um clube no nacional”.(Franco Junior, 2007, p. 149-150).

Nesse sentido, no campo esportivo é possível o historiador pensar a partir de uma perspectiva de análise da prática futebolística da região amazônica como palco de disputas de elites locais pela hegemonia política e econômica regional. Sendo assim, o futebol praticado em Belém e Manaus por seus clubes tradicionais, principalmente, passa ser uma metáfora do cotidiano local atingido por políticas de desenvolvimento que seguiam um modelo de integração que valorizavam o capital externo em detrimento do modo de vida regional dos seus sujeitos tradicionais e estimulava interesses peculiares relacionados à questão da hegemonia amazônica por parte desses sujeitos que criam discursos que afirmariam uma identidade legitimamente regional, contendo estratégias e intenções forjadas ao longo dos conflitos sociais nas duas capitais amazônicas que aumentaria o sentimento de rivalidade entre ambas.

Nesse sentido, o futebol passa a ser peça fundamental de investigação histórica que deseja entender essas disputas no campo de construção de uma identidade cultural coletiva que ao mesmo tempo aumenta as ideias agressivas entre belenenses e manauras fragmentando os interesses pela hegemonia regional. O campeonato de futebol brasileiro a partir de 1971 contribuiu com o aumento da influência nos campeonatos interestaduais proporcionando a maximização dessa rivalidade entre o futebol amazonense e paraense. Já que alguns clubes paraenses, como o Clube do Remo de Belém, tiveram um bom desempenho durante a década

8
de 1970, chegando a disputar o campeonato brasileiro e o interestadual, levantando os seguintes títulos: Campeão Norte-Nordeste, vice-campeão do primeiro campeonato de clubes da primeira divisão, tricampeão paraense, além de ter sido o primeiro clube Amazônico a vencer o Flamengo no Maracanã no ano de 1975. E “o Paysandu Sport Club também de Belém, em 1967 fez uma excursão pelas Guianas, apresentando um bom resultado e foi campeão paraense em 1971 e bicampeão em 1972.” (COSTA, 2000, p. 165-193-215). Diferente dos clubes amazonenses que nesse período não levaram nenhum título interestadual e nacional.

Nesse contexto clubes em Belém como Clube do Remo, Paysandu S. Clube e Tuna Lusa Brasileira e em Manaus, o Nacional, Rio Negro, São Raimundo, Olímpico e Nacional Fast Clube são considerados antigos, de renome e que tiveram papel importante na cultura de suas regiões. Geralmente esses clubes se confrontavam em campo entre jogadores e torcedores. Esse sentimento era tão forte que foi capaz na história do futebol paraense de unir duas torcidas rivais: a do Clube do Remo e a do Paysandu Sport. Club, as pessoas que faziam parte desses clubes e até torcedores não se suportavam e isso se reflete até hoje. Entretanto uniram-se com a finalidade de torcer pelo seu Estado contra os times bares. (BELÉM, 1912, p. 116-117.) Como eram chamados os amazonenses pelos paraenses na época. Esse fato é visível no jornal *A Província do Pará* onde “torcedores do Clube do Remo e do Paysandu Sport. Club levaram ao Estádio Evandro Almeida suas respectivas ‘charangas’, unindo suas bandeiras vibrando com a equipe do Leão Azul, que na ocasião representava o nome do futebol paraense na ‘batalha’ contra os irmãos do Amazonas.” (29/01/1969, p. 8). Apreende-se o indício da existência de uma identidade regional¹⁰ maior que o próprio nacionalismo, influenciando no modo de agir e pensar de cada cidadão paraense e amazonense. Portanto, estas disputas ocasionaram sentimentos de pertencimentos relacionados à região.

De certa forma perpassa um sentimento amazônico, não harmônico e nem homogêneo apesar dos sujeitos sociais de Manaus e Belém estarem ligados por uma realidade regional bastante próxima. Porém, os variados sujeitos das cidades defendem o seu espaço, dando relevância a sua identidade, forjando um sentimento regional ao longo do processo histórico e criando uma rivalidade que ultrapassa os limites que definem os campos de futebol.

9

A imprensa também foi importante nesse contexto, pois produzia reflexões sobre o futebol da Amazônia, levando a sociedade paraense e amazonense informações sobre as disputas na região, denunciando as imagens depreciativas entre jogadores dentro e fora do campo. Tais produções contribuíram para o crescimento desse ressentimento, em Manaus e em Belém incentivando o ‘ódio’ dos amazonenses pelos paraenses e vice e versa, através de suas matérias em que eram feitas críticas destrutivas preconceituosas principalmente em relação ao futebol. Esses fatos ocorriam na imprensa de uma forma geral, jornais, rádios, revistas, tv.

Era comum ler e ouvir algum tipo de ‘deboche’ utilizando termo depreciativo incentivando um “xenofobismo amazonense” contra os paraenses, por parte dos leitores, torcedores, ouvintes, telespectadores e até jogadores. Como se pode observar na matéria de Ivo Amaral em sua coluna Tiro Direto, do *Jornal A Província do Pará*, onde vários locutores amazonenses insistiam em termos mal-educados e violentos contra o futebol paraense em geral [...] É preciso haver bom senso, encarar as coisas com normalidade[...] o diabo é que muita gente que fala e escreve teima em não acompanhar esse desenvolvimento[...] não é de fato uma maneira muito estranha de incentivar o futebol do Amazonas: Mas a crítica esportiva “baré” tem coisas que ninguém entende...(*A Província do Pará*, 07/10/1969, p. 8)

A imprensa paraense criticava os comentários sobre o futebol do Pará feitos pela imprensa amazonense, assim como, a imprensa de Manaus que tecia críticas aos comentaristas paraenses e essa disputa se afluava sendo possível ver através de comentários feitos por torcedores-leitores amazonenses e paraenses na coluna *Camisa Doze* da revista *Placar*, onde esses leitores mandavam suas opiniões, com direito a réplica e tréplica, afirmando que :

O Amazonense passa o ano inteiro juntando garrafas e cobra para jogar nos times paraenses que vão lá disputar jogos pelo Nordeste. É o fim da picada, brasileiros. Floriano Sousa, Belém, PA.”(Ano I, nº 27, 25/09/1969, p. 43.)

Os clubes paraenses vão disputar o Robertão em Manaus, porque em Belém não há estádio nem torcida. Lúcio Porto, Manaus, AM.”(Ano I, nº 25, 25/09/1970, p. 43.)

10

Esse ressentimento atingia uma esfera maior de leitores de outros Estados que entravam na briga e tomavam as dores de seus companheiros escolhidos por afinidade. Como foi o caso de leitores de Rondônia e Minas Gerais:

Discordo da Leila Nogueira que diz que amazonense é despeitado. Amazonense é conformado. Tanto que só dá o que tem: a melhor prova é o Tartarugão. Enquanto isso o Pará está anunciando o Mangueirão, em lugar do Jacarezão, o prato predileto do paraense. Francisco Xavier, Rondônia, RO. (Placar, Ano I, nº 25, 25/09/1970, p. 43.)

A CBD vai arrumar mais vagas no Nacional do Ano que vem, inclusive uma para o Amazonas. Vejam só: o pior time do Brasil, que é o Santos, chegou lá e deu de 5. O que será do futebol amazonense? José Antônio, Frutal, MG. (Placar, Ano I, nº 88, 19/11/1971, p. 45.)

Não era só o público masculino que o futebol atingia, as mulheres participavam como torcedoras, jogadoras, juízes, apesar de ser proibido o futebol feminino no Brasil.(MAGALHAES, 2005, p.27). Era um esporte muito praticado e discutido pelas mulheres. Silvia Maria de Manaus, AM, sobre a mulher paraense relata que, a “Mulher paraense não sabe nada de futebol. Também pudera, nunca compareceu a um estádio.”(Placar, Local ?, Ano I, nº 33, 30/10/1970, p. 45.). E Maria de Lurdes Costa e Silva, de Manaus, AM, complementa, “Aqui temos o maior estádio do Norte-Nordeste, nossas índias são muito boas. No Pará só tem mulher de perna fina.”(Placar, Local ?, Ano I, nº 70, 16/07/1971, p. 46.)

Nesse aspecto o confronto entre Belém e Manaus se estende além do território amazônico e além do espaço masculino. Segundo Damatta “o futebol se constitui por redes de relações sociais que se alteram, dependendo do contexto e do significado.”(2000, p. 55.) isto é, a bola corre mais que os homens, pois, em geral caracteriza o relacionamento entre os homens e os campos de disputa, um lugar onde a vida se reproduz de modo controlado com um início, meio e fim que promove um apaziguador contraste com o mundo real(2006, p. 14-15). Por isso, a importância de entender esta rivalidade Manaus e Belém a partir das pistas que os sujeitos nos anos de 1960 e 1970 deixaram através do lazer e as praticas futebolísticas nos principais clubes da cidade.

Na verdade, essas discussões, sentimentos de rivalidades como se possa chamar, também poderiam ser fruto de uma busca de identidade, na qual esses sujeitos se fechavam

11

em seus mundos regionais, passando a achar que a sua cultura era melhor que a do outro. Uma busca por uma hegemonia regional dentro de um contexto de maior controle da Amazônia por parte dos militares que estavam no poder e que explica um sentimento muitas vezes “ácido” entre manauras e belenenses. Inclusive, envolvendo torcedores de clubes das duas cidades amazônicas ou simpatizantes do futebol na região e os próprios jogadores influenciaram nessa disputa, levando do campo suas “rixas,” para suas vidas pessoais e mostrando ao público um sentimento de rivalidade:

Berto e Lió, companheiros da mesma equipe, o Nacional, resolveram da maneira mais original possível terminar com uma velha rixa, algo sério. Tomando por inspiração o velho faroeste, substituíram os cavalos por motonetas e ei-los em Manaus, empenhados num duelo de vida ou morte, ante a olhares curiosos e assustados de dezenas de populares. O duelo, felizmente não terminou com morte embora tenha se aproximado disso. Lió tombou ferido com três balaços sendo recolhido ao hospital por mais de 30 dias [...] Passam-se vários meses [...] e eis que, em Belém, encontram-se novamente os dois jogadores Berto defendendo o Fast, seu novo clube amazonense, e Lió agora na condição de dispensado do elenco de profissionais do Clube do Remo. Estavam em uma certa buate, originando-se um novo incidente, este não tão sério quanto ao anterior. Lió que segundo alguns já foi pugilista, acertou um soco no Berto que não foi brincadeira. Resultado: Berto no Pronto Socorro e Lió na cadeia, como consequência imediata de um novo “quiprocó”. (A Província do Pará, 07/10/1969, p.8)

Através dessa violência exposta por jogadores de ambos os lugares, temos o incentivo ao público a atitudes violentas para com os jogadores, juizes, treinadores, e entre os próprios torcedores dentro e fora de campo. Como exemplo temos o jogo entre Paysandu de Belém do Pará e o Olímpicos do Amazonas interrompido pelo o arbitro Sebastião Rufino de Pernambuco:

Paissandu manteve sua invencibilidade no Nordeste de 1969, ao empatar pela segunda vez consecutiva na cidade de Manaus [...] como seria natural, a influência da torcida local, desejosa de ver a vitória de um clube amazonense sobre um paraense [...] o árbitro Sebastião Rufino de Pernambuco se viu forçado a interromper o jogo por 5 minutos na fase inicial, diante da atitude anti-desportiva da torcida local que jogou pedra e garrafas sobre os jogadores do Paissandu, visando principalmente atingir o goleiro Arlindo [...] (A Província do Pará, 07/10/1969, p.8)

12

Na disputa pelo melhor futebol da Amazônia, os torcedores entram na briga que foi incentivada lá atrás pelos próprios atletas, assim a imagem do futebol de Belém e de Manaus não é vista com bons olhos, e explicita um conflito que antecede os campos futebolísticos na região e mostra um momento de maior investimento na capital amazonense num contexto de domínio político dos generais e seus projetos de integração e desenvolvimento ligados ao chamado Plano de Segurança nacional. Na verdade, os sujeitos sociais constroem suas concepções de rivalidade clubística ligadas ao um sentimento histórico de busca de uma afirmação de identidade regional que entram em atrito pelos diferentes interesses locais em consonância com projeto nacional externo a Amazônia, que prioriza a cidade de Manaus em detrimento a capital paraense. Situação que se estabelece nas disputas futebolísticas e impulsiona o aumento da rivalidade regional, principalmente pelo bom resultado pelo Paysandú no explicitado na fonte acima.

Considerações finais

É importante perceber os sujeitos históricos para o entendimento dessas disputas futebolísticas, através de seus diálogos pode-se construir a história do futebol amazônico, revelando suas experiências, os discursos produzidos, as alianças e os confrontos sociais. Dando sentido para os fatos acontecidos, assim como imagens de um passado, selecionando-os. Desse modo os acontecimentos lentos ou rápidos que ocorrem [...] podem ser absorvidos e processados na memória comum quanto provocar mudanças e segmentações [...].(LE GOFF, 2003, p.110.).

Tem-se assim, um breve estudo do futebol da Amazônia, enquanto objeto de construção historiográfica, analisando as relações sociais entre os sujeitos e o ressentimento criado por ambas capitais amazônicas a uma série de fatores que aparecem nas práticas futebolísticas como metáfora de um mundo em transformação e que tem profundas raízes históricas.

Essas disputas entre as duas cidades com relação ao melhor futebol da Amazônia acabam propiciando possibilidades de construção de uma identidade cultural coletiva que se incendeia na disputa pela hegemonia política regional, onde as diferenças e desigualdades são encobertas e ao mesmo tempo explicitadas pelos variados sujeitos sociais. Gerando um tempo

13

presente baseado numa relação bastante tensa entre amazonenses e paraenses, onde se tem a ideia de uma Manaus (metrópole do futuro) bastante “recuada” e de Belém como “tirano” regional (cidade ultrapassada).

Nesse sentido, essas disputas futebolísticas contribuíram para mudanças no decorrer do século XX e início do XXI que juntamente com outros fatores levaram Manaus a ter uma estrutura mais estável que Belém, economicamente e politicamente falando, situação perceptível no desempenho de clubes como Remo e Paysandú nos campeonatos de futebol na atualidade, nos quais eram praticamente hegemônicos na esfera regional e na perda da sede da Copa do mundo da FIFA, em 2014, para a urbe manaura, fatores que proporcionaram um aumento do sentimento de rivalidade entre realidades urbanas e contextos sociais muito próximos nessa imensa Amazônia.

¹ Especialista em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará/ UFPA. Professora da Escola de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros.

² Para Vitor Melo o futebol é o esporte mais popular no Brasil que consegue mobilizar tanta gente ao mesmo tempo, mexendo tão forte e amplamente com paixão, desejos e sentimentos. Ver: “Futebol que história é essa?”. IN: CARRANO, Paulo César R. (org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP & A, 2000, p. 11.

³ O Campeonato Brasileiro, conhecido nos seus primeiros anos como Campeonato Nacional, foi a sucessão natural do Torneio Roberto Gomes Pedrosas ou Taça de Prata que por sua vez havia sido o resultado da expansão do Rio-São Paulo. Em 1971, quando foi oficialmente instituído o campeonato Brasileiro, o centro de gravidade do futebol do país nunca esteve tão baixo. O Campeonato Brasileiro foi disputado sobre as mais diversas formas chegando a ter 96 participação em 1975. Ver: “A História do Campeonato Brasileiro”. Outubro/2006. www.netvasco.com.br/mauroprais/futbr/campbr.html.

⁴ Sobre este ponto Hélio José Guilhardi analisa os sentimentos como manifestações corporais concretas, do organismo[...] Além das manifestações do funcionamento interno do corpo chamadas de respostas respondentes ou autonômicas, outras manifestações da pessoa, chamadas de operantes ou voluntárias, tais como: falar, gesticular, gritar, bater, aplaudir, abraçar, escrever poesia[...] O corpo age, o corpo expressa, o corpo fala e, assim, ele manifesta os sentimentos. Ver: “Auto-estima, auto-confiança e responsabilidade”. IN: *Comportamento Humano: Tudo ou quase tudo que você gostaria de saber para viver melhor*. Santo André: ESETec Editores associados, 2002, p. 63-64.

⁵ Clubes paraenses: Clube do Remo fundado em 05/02/1905; Paysandu Sport Club, fundado em 02/02/1914 e Tuna Luso Brasileira criada em 01/01/1903. Ver: COSTA, João Batista Ferreira. *A enciclopédia do Futebol Paraense*. Belém: Cabano, 2ª ed., 2000, p. 165-193-215. Clubes amazonenses: Nacional Futebol Clube, foi fundado em 13/01/1913; Rio Negro Clube fundado em 13/11/1913, Olímpico fundado em 17/10/1938, Nacional Fast Clube criado em 08/07/1930 e São Raimundo criado em 18/11/1918~. Sendo que alguns foram campeões amazonenses no período de 19167-1975, e não apresentaram nenhum título na copa Norte. Ver: “Clubes do Amazonas”. Julho/2006: www.geocities.com/futebolloamazonas/. Ver também: “Categorias: Clubes de futebol do Amazonas”. http://pt.wikipedia.org/wiki/OI%C3%ADmpico_Clube.

⁶ Mesmo com o desligamento da capitania do Rio Negro, tornando-se Província do Amazonas, esta ainda continuava sendo dirigida por famílias paraenses que migravam para o Amazonas e ocupavam os postos de comando na sociedade amazonense. Ver: BELÉM, Furtado. Limites Orientaes do Estado do Amazonas: Ocupação de Terras Amazonenses pelo Governo Paraense. Manáos. Typographia da Livraria. Palais Royal. 1912, p. 20-24.

⁷ Durante a Belle Époque a expansão da Borracha deu origem a um sistema econômico e a um comércio exportador de proporções regionais enorme. A produção se ampliava rumo ao oeste e o Amazonas emergiu como o principal centro de extração da borracha, mas a cidade portuária de Belém continuava a dominar a vida comercial e cultural da região. Esta situação gerava uma tensão considerável entre os dois Estados brasileiros. Gerava também um descontentamento dos políticos amazonenses em relação ao status que a capital paraense exercia, uma vez que Manaus apresentava status secundário. Belém era modernizada com bulevares, praça pública, bondes elétricos, teatro, etc. Dessa forma a cidade apresentava um espaço urbano que impressionava, fruto de uma expansão econômica. O governo do Amazonas investia em obras públicas para igualar-se a Belém, modernizando-se também. A elite amazonense buscava de todas as formas meios para tirar Manaus da sombra da capital paraense. C.f. WEINSTEN, Bárbara. “Pará versus Amazonas”. Op. cit. P.219.

⁸ De acordo com Armando Alves Filho foi criado em 1970 ‘o plano de Integração Nacional’ estabelecendo como metas atividades agropecuárias e agrominerais. Ver: “A política dos governos militares na Amazônia”. IN: ALVES FILHO, Armando; ALVES JUNIOR, José; MAIA NETO, José (orgs.). *Pontos de História da Amazônia*. Belém: PAKA-TATU, 2000, Vol. II, p. 49-54.

⁹ Conforme Rosalvo Machado Bentes a Zona Franca, fez com que Manaus se transformasse num dos centros econômicos mais dinâmicos da Amazônia, e passou a exercer forte atração sobre a população do interior do Estado do Amazonas e de estados e territórios vizinhos. Dispondo da melhor infra-estrutura econômica e social, igualando-se na região norte somente com Belém. Dissertação de Mestrado. A Zona Franca e o Processo migratório para Manaus. Belém: NAEA/UFPA, 1983, P. 7. Ver também: ALVES FILHO, Armando. Op. cit. P. 52.

¹⁰ Em relação a identidade regional Oliven afirma[...] que regionalismo aponta para as diferenças que existem entre regiões e utiliza estas diferenças na construção de identidade própria. Mas assim como o nacionalismo, o regionalismo também abarca diferentes facetas, expressando frequentemente posições de grupos bastante distintos, contendo desde reivindicações populares até os interesses disfarçados das classes dominantes. Ver: OLIVEN, Ruben George. Parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil – Nação. Petrópolis: vozes, 1992, p. 16.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES FILHO, Armando. “A política dos governos militares na Amazônia”. IN: ALVES FILHO, Armando; ALVES JUNIOR, José; MAIA NETO, José (orgs.). *Ponto de História da Amazônia*. Belém: PAKA-TATU, 2000, Vol II.

ANSART, PIERRE. “História e Memória dos Ressentimentos”. IN: BRESCIANI, Stela; NAXARA, Maria (orgs.). *Memória e (Res) sentimento: indagações sobre a questão sensível*. Campina: UNICAMP, 2004.

BELÉM, Furtado. Limites Orientes do Estado do Amazonas: Ocupação de Terras Amazonenses pelo Governo Paraense. Manáos. Typographia da Livraria. Palais Royal, 1912.

COSTA, João Batista Ferreira da. A Enciclopédia do Futebol Paraense. Cabano, 2ª ed., 2000.

DA MATTA. Apud. BRUHNS, Heloisa Turini. “Sobre Futebol”. IN: *futebol, carnaval e capoeira: Entre as gingas do corpo brasileiro*. Campinas: Papyrus, 2000.

Apud. A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

15

FAUSTO, Boris. História concisa do Brasil. São Paulo: EDUSP, Imprensa oficial do estado, 2001.

FRANCO JUNIOR, Hilário. A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

GUILHARDI, Hélio José. “Auto-estima, auto-confinça e responsabilidade”. IN: *Comportamento Humano: tudo ou quase tudo que você gostaria de saber para viver melhor*. Santo André: ESETec ed. Associados, 2002.

LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. IN: *História & Memória*. Trad. Bernardo Leitão [et al]. Campinas: UNICAMP, 1990.

LUCA, Tânia Regina. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MALUF, Marina. “Memória sagrada, história profano”. IN: *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

MELO, Vitor Andrade. “Futebol: que história é essa?!”. IN: CARRANO, PAULO César A. (org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

NUNES, Benedito. Crônicas de Duas Cidades: Belém e Manaus. SECULT, 2006.

PETIT, Pere. Chão de promessas: elites políticas e transformações econômicas no estado do Pará pós-1964. Belém: Paka-tatu, 2003.

REIS, Daniel Aarão. Ditadura militar, esquerdas e sociedade. RJ: Jorge Zahar, 2000.

REIS, José Carlos. “O surgimento da ‘Escola dos Annales’ e o seu ‘Programa’”. IN: *Escolas dos Annales – A invenção em História*. São Paulo: Paz & Terra, 2000.

WEINSTEN, Bárbara. “Pará versus Amazonas”. IN: *A Decadência na Amazônia: Expansão e Decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec, 1993.

Manuscritas (Setor de Obras Raras da Biblioteca Arthur Viana)

BELÉM, Furtado. *Limites Orientes do Estado do Amazonas: Ocupação de Terras Amazonenses pelo Governo Paraense*. Manáos. Typographia da Livraria. Palais Royal, 1912.

Dissertação

BENTES, Rosalvo Machado. *A zona Franca e o Progresso migratório para Manaus*. Belém. NAEA/UFPA, 1983.

GAUDÊNCIO, Itamar. Diversão, Rivalidade e Política: o RE X PA nos festivais futebolísticos em Belém do Pará (1905-1950). Dissertação de Mestrado. Belém: IFCH / UFPA, 2007.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH

Monografia

MAGALHÃES, Sandra Letícia Ferreira. Monografia. “A Mulher e o Homem no Futebol: Uma questão de gênero”. IN: “*Futebol é coisa de Mulher*”: Participação feminina no futebol paraense(1960-1979). Belém. CFCH/UFGA, 2005.